

A MULHER E A BUSCA DO EU, EM UMA APRENDIZAGEM OU O LIVRO DOS PRAZERES

Priscila Nogueira Branco (UFRJ)¹

Resumo: Em seu livro *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres*, Clarice Lispector traça o caminho e a viagem de uma mulher, Lóri, em busca de sua identidade. Para que essa descoberta seja possível, ela precisa começar a “ser” além da dor. A mulher passa a ser agente de suas próprias escolhas, mesmo que esse seja um processo difícil que envolve um pouco ainda da mulher antiga em conflito com a mulher nova, moderna. Seu encontro com o outro, Ulisses, também se apresenta como questão fundamental do desabrochar de seu “eu”.

Palavras-chave: Mulher; Identidade; Alteridade; Dor

Introdução

Este ensaio tem como intuito fazer uma leitura do livro *Uma Aprendizagem ou O livro dos Prazeres*, de Clarice Lispector, dando luz à questão da mulher e a busca por sua identidade, dentro de uma perspectiva moderna. Logo, a mulher enquanto sujeito aprendiz de seus caminhos e dos seus próprios prazeres.

Na primeira parte, tratarei de como Clarice constrói uma nova mulher, a partir da desconstrução do mito de Ulisses, presente na obra de Homero, *A Odisseia*, relacionando também com o mito de Eros e Psiqué. A mulher, no mito invertido de Clarice, é quem faz a viagem. Não espera em casa, passiva, pelo retorno de seu marido, o que demonstra que a mulher pode ser a dona de seus próprios rumos.

A segunda parte mostra como a mulher constrói o que se é apenas através da dor. Dor essa que nos é imposta desde que nascemos, apenas por sermos mulheres dentro desta sociedade patriarcal que privilegia os homens. A resignação, a serventia e a submissão que nos são tão ensinadas ainda permanecem, mesmo com a inserção da mulher no mercado de trabalho.

Por fim, o último ponto é sobre o caminho que a mulher percorre a fim de encontrar quem se é e pelo seu direito de ter prazer, e não dor. Os conflitos pelos quais a mulher passa para seguir essa estrada e poder arrancar todas suas máscaras sem arrependimentos. Ao arrancar a “persona” de que se veste, é possível alcançar sua identidade, seu “eu”, através do “outro”, passando a ser sujeito de si mesma.

I - A Inversão do Mito e a Nova Mulher

O livro de Clarice não tem um enredo concreto, mas um fluxo de pensamentos que ora são do narrador ora da personagem principal, Loreley ou Lóri. Os pensamentos de Lóri se

¹ Mestranda em Literatura Brasileira (UFRJ). Contato: priscilanbranco@gmail.com

misturam à narrativa, que não se preocupa em determinar tempo ou espaço, mas gerar laços e teias de sensações da personagem, através de uma linguagem viva e poética. Como a água, tantas vezes invocada nesse livro, a trama flui, sem apresentar um início ou fim determinados.

Lóri é uma mulher, uma professora primária, que se relaciona de uma forma emocional e psicológica com Ulisses, um professor de filosofia universitário, ligado à razão e ao conhecimento. O livro inteiro é uma espera incansável de “Ulisses” pela chegada de Lóri, pronta para “ser” e mergulhar no prazer.

No mito grego, personagem de *Odisséia* de Homero, Ulisses deixa sua mulher, Penélope, em casa e vai seguir sua viagem. De acordo com Teresinha Zimbrão (2008, p.29), no canto XII, Ulisses precisa resistir ao canto das sereias, seres maravilhosos e sedutores, e se amarra no mastro do navio. Esse mastro representa a razão e o amor que tem por sua esposa que está em casa, um amor humano e não animal. Porém, não deixa de escutar a voz sedutora das sereias, como se se colocasse numa corda bamba no abismo.

Em *Uma Aprendizagem ou O livro dos Prazeres*, é Lóri que faz a viagem. Nunca temos uma mulher à frente das epopéias e de seus grandes feitos históricos e heróicos. A mulher sempre espera em casa, passiva, ou é a razão de guerras, pelo simples fato de ser “mulher”, com seus atrativos físicos. Aqui, a tarefa de Lóri é de desconstruir esse papel social da mulher passiva, mascarada, de espera, mesmo que ela esteja lutando justamente contra isso dentro de si mesma:

Lóri se perfumava e essa era uma das suas imitações do mundo, ela que tando procurava aprender a vida – com o perfume, de algum modo intensificava o que quer que ela era [...] perfumar-se era uma sabedoria instintiva, vinda de milênios de mulheres aparentemente passivas aprendendo [...] (UALP, p.24)²

Como podemos observar na citação acima, a mulher não tem seu cheiro próprio. Ela não consegue “ser”, ter sua própria essência. Não, ela é uma imitação do mundo, imitação de sensações, de cheiros. Por outro lado, o homem tem cheiro de homem e, pelo fato de conseguir “ser”, afirma sua superioridade:

Ela, que reconhecia com gratidão a superioridade geral dos homens que tinham cheiro de homens e não de perfume, e reconhecia com irritação que na verdade esses pensamentos que ela chamava de agudos ou sensatos já

² Usarei a abreviação UALP para referir-me ao livro *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres*, de Clarice Lispector, edição de 1990.

eram resultado de sua convivência com Ulisses. [...] ser era uma dor? [...] (UALP, p. 28)³

Fazer essa viagem significa que Lóri está buscando seu próprio perfume. Não é uma aprendizagem passiva, como a das mulheres que cita, mas ativa, sujeito se si mesma. O papel de Ulisses torna-se o de Penélope: esperar; e também o de “Loreley”, nome de uma ⁴sereia: seduzir. É Lóri que precisa continuar a viagem e é ela também que é seduzida.

Ao ser comparada por Ulisses a uma sereia, também podemos comparar Lóri a Afrodite, divindade relacionada à beleza e ao amor carnal. A todo momento Lóri tenta seduzir Ulisses, seja através de suas roupas ou de sua própria sensualidade, mas ele resiste e afirma que a espera é necessária. Como podemos ver a seguir, ao negar-se a ter uma relação meramente sexual com Lóri, é porque prefere agarrar-se a razão e aguardar uma relação diferente, uma relação amorosa que não seja meramente física:

Na interpretação de Junito Brandão, as sereias são formas personalizadas das forças afrodisíacas e resistir a elas equivale a resistir à Afrodite, a deusa do amor, entendendo-se então o amor, como mera satisfação dos instintos. Afrodite é conhecida por sua promiscuidade, teve diversos amantes divinos e humanos. É a deusa prostituta, da sexualidade primitiva, do desejo ainda não humanizado. (2005, apud SILVA, 2008, p. 30)

Fica claro que é esse o tipo de relação que Lóri costuma ter. Com seus cinco amantes passados, ao usar a máscara da maquiagem para se transformar e com a sensação de “fêmea rejeitada”, além de todo medo que apresenta de ter algo com Ulisses para além dessa relação física, o medo de uma entrega. Sua busca passa a ser um encontrar-se no outro sem a anulação de si mesma:

No entanto era o seu pavor de uma possível intimidade de alma com Ulisses o que a deixava irritada com ele. Estaria na verdade lutando contra a sua própria vontade intensa de aproximar-se do impossível de outro ser humano? [...] parecia-lhe no entanto que ela dificultava a missão de ambos. (UALP, p. 49)

Ulisses quer, através do aprendizado, que Lóri transforme seu desejo animal em amor puramente humano. Quer que ela abandone a “persona” a fim de que possa enfim “ser” sem dor e livre. “Persona” essa que sua condição de ser mulher a impôs, de seguir os padrões e levar a vida imposta pela sociedade. A partir da interpretação realizada por Teresinha Zimbrão,

podemos também trazer à tona o mito de Eros e Psiqué, em que, através da separação dos dois, surge um amor de fato consciente e psicológico, diferente do amor carnal e animal que Eros possuía por sua mãe, Afrodite. É necessário que Lóri se afaste de Ulisses, que o encontro entre os dois não signifique para a mulher a anulação de si mesma, mas sim um crescimento do “eu” através do outro:

A transformação do amor-instinto em amor humano estaria representada no mito de Eros e Psiqué, que narra o confronto entre a deusa do amor Afrodite e a amante humana do seu filho Eros, a princesa Psiqué. Segundo Junito Brandão, o mito sugere que acima do princípio do amor material de Afrodite, deusa da atração mútua entre os opostos, eleva-se o princípio do amor de Psiqué, que a essa atração associaria conhecimento, crescimento da consciência e desenvolvimento psíquico. (2005, apud SILVA, 2008, p. 31)

Lóri só poderá amar Ulisses quando tiver seu próprio cheiro, quando arrancar do seu rosto a “persona” que a esconde. Não, não basta apenas reconhecer-se no seu corpo de mulher que, pelo simples fato de ter curvas próprias, a transforma em algo que ainda não é. É necessário “ser”, pois “A mais premente necessidade de um ser humano era tornar-se um ser humano”. No caso de Lóri, era necessário que a mulher se tornasse humana, possibilidade vinda apenas com o surgimento de uma nova mulher independente não só financeiramente, mas também emocionalmente de qualquer amarra do homem.

II – “Ser” através da dor

Vivemos em uma sociedade que impõe uma série de restrições às mulheres. Desde que nascemos, vemo-nos presas perante os olhares de julgamento dos familiares. Depois na escola somos limitadas, nas ruas vivemos com medo, nos relacionamentos somos ensinadas a fingir sermos quem não somos para agradar o outro, a esquecermos de nós mesmas pela família, a doarmos cada mínima gota de nosso sangue pelo bem estar dos filhos e do marido, não importa o que aconteça.

Sim, só aprendemos a “ser” através da dor. Isso pode ser considerado “ser”? É um estar vivo no mundo de forma dolorosa, de forma a tornar-se sempre sombra e nunca agente dos próprios passos. É assim que Lóri se sente, morta para qualquer vivência através do prazer e um completo instrumento do “ser mulher”:

- Meu mistério é simples: eu não sei como estar viva.
- É que você só sabe, ou só sabia, estar viva através da dor.
- É.
- E não sabe como estar viva através do prazer? (UALP, p. 105)

Esse estar vivo no mundo através da dor nada mais é do que reconhecer sua condição apenas como mulher. É olhar-se no espelho e achar-se bonita apenas pelo fato de ser desse gênero. É um fingimento existencial, em que até mesmo no reflexo não se reconhece, pois a máscara que usa é mais forte que a sua própria imagem, que já não parece existir de tão vaga e distante.

A origem da dor de Lóri vem do ventre, de seu útero. Sua condição biológica, o fato de ter nascido mulher (sexo), já foi o bastante para carregar consigo essa dor. Ao longo da vida, como dizia Simone de Beauvoir, “torna-se mulher” (gênero), mas há a possível escolha de calar-se e aceitar, resignada, esse sofrimento ou deixar morrer essa máscara, em pleno dia, de forma clara e consciente, para que nasça a primavera, que é a busca de Lóri por quem ela realmente é, liberta da dor:

então do ventre mesmo, como um estremecer longínquo de terra que mal se soubesse ser sinal de terremoto, do útero, do coração contraído veio o tremor gigantesco duma forte dor abalada, do corpo todo o abalo[...] – veio afinal o grande choro seco, choro mudo sem som algum até para ela mesma. [...] (UALP, p. 20)

Como qualquer mulher moderna, Lóri é cheia de contradições, o que mostra o quanto ainda há da “mulher antiga” em si, as mulheres comuns que eram obrigadas a ser donas de casa e importar-se apenas com a vida do marido, presas ao lar, e a nova mulher, na verdade, o ser humano que busca ser, que é a representação da mulher que não é uma sombra do homem, que consegue se manter e criar seu próprio mundo. Alexandra Kollontai cita em seu livro *A Nova Mulher e a Moral Sexual* exatamente um enquadramento para o conflito que Lóri vive:

A literatura contemporânea é rica, sobretudo, em figuras de mulheres do tipo transitório. É rica em heroínas que têm simultaneamente as características da mulher antiga e da mulher nova. [...] Os sentimentos atávicos perturbam e debilitam as novas sensações. As velhas concepções da vida prendem ainda o espírito da mulher que busca sua libertação. O antigo e o novo se encontram em continua hostilidade na alma da mulher. Logo, as heroínas contemporâneas têm que lutar contra um inimigo que apresenta duas frentes: o mundo exterior e suas próprias tendências, herdadas de suas mães e avós. (KOLLONTAI, 2005, p.25)

Não à toa, o livro de Clarice começa com uma vírgula e termina com dois pontos. Quem somos é também parte dessa busca infinita, que não cessa. No caso de Lóri, mostra como se transforma, como há em si ainda uma herança da mulher antiga, que permanece antes da

vírgula e continua no desenrolar da trama. Também há muito ainda a ser dito e a ser tomado, é tanta coisa que um ponto final não poderia ser o limite.

Ao começar o livro com o subtítulo *A Origem da Primavera ou A morte Necessária em Pleno Dia*, Clarice iguala dois pontos opostos, usando a conjunção “ou”: a origem e a morte. É como se as duas coisas fizessem parte uma da outra, como num círculo vicioso, num eterno retorno. Lóri, ao morrer em sua antiguidade, nasce novamente, numa primavera. Mas as primaveras se repetem todo ano, e sempre em uma nova primavera há resquícios da antiga. E se morre de dia, pois é necessário que se esteja consciente do que está se tornando. No caso de Lóri, uma nova mulher, liberta da dor.

III – Encontrar-se no “Outro”

Para Lóri conseguir se tornar um “ser-humano”, conseguir “ser” sem a necessidade da dor, é necessário adentrar um caminho contínuo em busca de si mesma, com coragem para enfrentar as pedras e ferocidades que vai encontrar. Pois, ao abandonar a dor, com quem tanto conviveu por sua vida inteira, pode sentir-se perdida por se ver sem nada, num silêncio absoluto:

O que acontecia na verdade com Lóri é que, por alguma decisão tão profunda que os motivos lhe escapavam – ela havia por medo cortado a dor. Só com Ulisses viera a aprender que não se podia cortar a dor – senão se sofria o tempo todo [...] Sem a dor, ficara sem nada, perdida no seu próprio mundo e no alheio sem forma de contato. (UALP, p. 48)

Existir, por si só, é angustiante. O próprio Ulisses admite que viver é uma tragédia. Por isso temos tanta fome em “ser”, em sentir algo que preencha nossos silêncios para que se criem mais silêncios logo após. Como as mulheres estão acostumadas a “ser” através da dor, quando encontram um parceiro ou amante, tendem a perder-se dentro dele. Não um perder-se para encontrar-se, um perder-se para não-ser e diluir cada fragmento seu dentro da rocha sólida que é o homem:

- Eu sempre tive que lutar contra a minha tendência a ser serva de um homem, disse Lóri, tanto eu admirava o homem em contraste com a mulher. No homem eu sinto a coragem de se estar vivo. Enquanto eu, mulher, sou um pouco mais requintada e por isso mesmo mais fraca – você é primitivo e direto. (UALP, p.176)

Isso não é prazer. Não-ser é de uma dor terrível, ainda mais quando se é nada mais que uma sombra do outro. Lóri, por estar afastada do que se é e vestir uma máscara, não se deixava aproximar de nenhum homem, a não ser pela mera relação física e animal, em que

não se questiona quem é quem à luz de sentimentos ou razões. Ao mesmo tempo que se protege, também se ataca.

Ao proteger-se desse contato mais íntimo, isolava-se. Uma defesa que tomou para si enquanto mulher. Porém, não é possível que sejamos sem o “outro”. Como já disse Rimbaud (1991, p. 120), “Eu é um outro”, pois só podemos ser a partir do que somos e do que não somos, do que o outro é, a partir do que escutamos e também a partir do silêncio que também é ruído.

Nesta conhecida frase de Rimbaud em sua carta a Izambard, a relação com o outro vem a partir da possibilidade de “ser”. Conseguimos construir-nos a partir da relação com o que não somos e também com o nosso “vir a ser” outra coisa. Isso só é possível – essa metaformose – a partir do encontro do “eu”, que Lóri ainda não encontrou. Por outro lado, ao vestir a “persona” de mulher, Lóri se transforma completamente em “Outro”, porém com a completa ausência do “eu”, como podemos observar em um trecho de Simone de Beauvoir:

Aos olhos dos homens — e da legião de mulheres que vêem por esses olhos — não basta ter um corpo de mulher, nem assumir como amante, como mãe, a função de fêmea para ser "uma mulher de verdade"; através da sexualidade e da maternidade, o sujeito pode reivindicar sua autonomia; "a verdadeira mulher" é a que se aceita como Outro. Há na atitude dos homens de hoje uma duplicidade que cria na mulher um dilaceramento doloroso; eles aceitam em grande medida que a mulher seja um semelhante, uma igual; e, no entanto, continuam a exigir que ela permaneça o inessencial; para ela, esses dois destinos não são conciliáveis; ela hesita entre um e outro sem se adaptar exatamente a nenhum e daí sua falta de equilíbrio. (BEAUVOIR, p. 308, 1970)

Este “Outro” a que se refere Simone de Beauvoir é o “Outro” objeto, a que se submete a mulher. O homem, por outro lado, é sujeito e faz uso desse “Outro” para se encontrar. Rimbaud, ao afirmar que “Eu é um outro”, se coloca como sujeito e também como objeto desse processo de busca de identidade, ao contrário da mulher, que não pode alcançar-se enquanto sujeito e se afunda cada vez mais num processo doloroso.

Como Lóri pode ser Lóri se não há Ulisses, ou a empregada ou sua amiga vidente? Para “ser”, não é possível apenas olhar o mundo e as pessoas, é preciso senti-las e diferenciá-las. As únicas pessoas com quem Lóri mantinha um contato sentimental eram seus alunos. Ironicamente crianças, pois as crianças ainda estão no começo da longa jornada para descobrirem quem são.

Quando Lóri começa a descobrir quem se é, despindo-se de sua condição enquanto mulher e conseguindo conhecer melhor a si mesma, também há uma aproximação maior com

Ulisses, que faz com que se sinta exposta, em carne viva. Sente que ainda não está completamente disposta a entrar nessa relação de entrega com ele, pois, ao invés de encontrar-se, pode se perder completamente, diluindo-se na personalidade forte do homem, e Ulisses a alerta para ir mais devagar:

[...]ao mesmo tempo que sentia uma extraordinariamente boa sensação de ir desmaiar de amor, sentiu, já por defesa, um esvaziamento de si própria:
- Vamos embora, disse quase áspera.
- Eu avisei, disse Ulisses com alguma severidade, que você devia contar com as desarticulações. Você está querendo “queimar as etapas”[...] (UALP, p. 117)

Lóri precisa arranjar uma saída para essa dupla perseguição: a de “ser” através da dor e a de não-ser na sombra do outro. Seu caminho é difícil, pois seguir sem entender por onde pisa, no escuro, é terrível. Mas só começando a ser é que Lóri irá conseguir ser quem se é. Tinha que ter cautela no encontro com o outro, para que não morresse, literalmente, de amor.

Aos poucos, Lóri consegue buscar o que é seu, e passa a sentir uma felicidade em ser. Ao perguntar a um jasmineiro qual era o cheiro dela, ele lhe dá a resposta: “eu sou o meu cheiro”. Sim, Lóri estava encontrando o seu próprio cheiro, assim como um homem tem cheiro de homem, ela também tem cheiro dela mesma, pois simplesmente é.

Ao estar pronta e cheia de si, era o momento do encontro com “Ulisses”. Já não haveria o perigo de perder-se no outro, pois estava cheia de si mesma e de seus encontros. Finalmente, Lóri existia, e não através da dor de “ser”, mas de uma felicidade genuína que era o de ter-se encontrado. Agora era o momento de renascer mais uma vez, consigo e com o outro. Finalmente, o aprendizado desse livro de prazeres foi alcançado (porém, nunca tem fim):

Existir é tão completamente fora do comum que se a consciência de existir demorasse mais de alguns segundos, nós enlouqueceríamos. A solução para esse absurdo que se chama “eu existo”, a solução é amar um outro ser que, este, nós compreendemos que exista. (UALP, p. 177)

Conclusão

A inversão do mito e a viagem realizada por uma mulher na busca de sua essência e das possibilidades de encontrar-se através do prazer e do outro trazem à tona a construção de uma mulher nova, capaz de jogar-se no mundo e não esperar o regresso do homem para casa a fim de conseguir encontrar-se e viver.

Lóri é corajosa, pois se joga dentro do caminho, que é a procura por quem se é, mesmo com a dor nova de começar a tirar sua máscara e descobrir-se desconhecida. O abandono da dor e a busca pelo prazer, inicialmente, geram outra dor, mesmo que diferente, mas que acompanha Lóri até que consiga alcançar seu perfume.

Clarice não se preocupa em defender qualquer tipo de feminismo, mas a imersão dentro do psicológico de Lóri mostra toda a contradição, mesmo nos dias atuais, que as mulheres passam para alcançar uma identidade que não dependa nem de ser uma sombra do outro nem de ser imersa numa dor que é tudo que se pode conhecer. A relação entre Lóri e Ulisses não aparece simplesmente para mostrar como se relaciona a mulher com sua sexualidade e com o amor. Por trás dessa relação, há uma profundidade de metáforas e teias de sensações e pensamentos.

À primeira vista, o leitor pode ter a impressão de que *Uma Aprendizagem ou O livro dos Prazeres* é uma trama que fala dos encontros e desencontros de um casal que se apaixona e que o homem resolve esperar para que sua amada se apaixone por ele, até que enfim possam realizar o ato sexual de forma plena.

Esse é, na verdade, o cenário que vela o livro. Ao desvelá-lo, podemos perceber como Ulisses é a metáfora do caminho que Lóri tem que seguir. É um homem, sim, pois não são os homens já livres para serem quem são? Mas o caminho não tem fim, pois “ser” é infinito. Também é usado para, no fim, ela encontrar um dos maiores prazeres que a si são negados: o prazer sexual, o orgasmo.

A linguagem que Clarice usa, de uma fusão de sentimentos, emoções e pensamentos se encaixa exatamente com como Lóri se encontra: fragmentada. Está recolhendo seus pedaços caídos por aí, de forma difusa, até conseguir completá-los. Como mostra o início do livro, começando com vírgulas e o fim com dois pontos, a aprendizagem de Lóri é eterna, sem início ou fim.

E cabe a nós, leitores, continuar a aprendizagem.

Referências bibliográficas

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo: fatos e mitos*. 4ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

HOMERO. *Odisséia*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.